



Acórdão 01475/2021-5 - 2ª Câmara

Processo: 06102/2012-3

Classificação: Tomada de Contas Especial Convertida

UG: PMCC - Prefeitura Municipal de Conceição do Castelo

Relator: Sérgio Manoel Nader Borges

Interessado: MINISTERIO PUBLICO ESPECIAL DE CONTAS

Responsável: FRANCISCO SAULO BELISARIO, JOSE ROMARIO AZEVEDO, JEFFERSON VENTURIM AYRES, JULIA APARECIDA STOFEL PIANISSOLLI, ANA ALZIRA PINTO NICOLA, JOAO LUIS BARBOZA, URBIS - INSTITUTO DE GESTAO PUBLICA, JOSE ADMIR FIORESI

Procuradores: ANTELMO CARDOSO (OAB: 16503-ES)

PREFEITURA MUNICIPAL DE CONCEIÇÃO DO CASTELO - TOMADA DE CONTAS ESPECIAL CONVERTIDA – MANUTENÇÃO DE IRREGULARIDADES – PRESCRIÇÃO - RESSARCIMENTO – TEMA 899 – REPERCUSSÃO GERAL RECONHECIDA – SEGURANÇA JURÍDICA ECONOMIA PROCESSUAL – DURAÇÃO RAZOÁVEL DO PROCESSO – MATRIZ DE RESPONSABILIZAÇÃO – CUSTO OPORTUNIDADE – EXTINÇÃO SEM RESOLUÇÃO DE MÉRITO – ARQUIVAR.

O RELATOR EXMO. SR. CONSELHEIRO SÉRGIO MANOEL NADER BORGES:

I - RELATÓRIO

Trata-se de Tomada de Contas Especial, convertida de Representação ofertada pelo Ministério Público Especial de Contas, por meio do Procurador Luciano Vieira, em que são narradas possíveis irregularidades nos procedimentos licitatórios e na

execução contratual do pacto firmado entre municípios capixabas com a entidade URBIS – Instituto de Gestão Pública, cujo objeto era a prestação de serviços de levantamentos de créditos dos municípios junto à União com o PASEP e o INSS.

Na Representação, o d. Procurador solicitou concessão de medida cautelar, a fim de que os executivos municipais relacionados na peça se abstivessem de realizar quaisquer pagamentos porventura pendentes à URBIS, o que foi acatado pelo Plenário desta Corte, na Decisão TC 3771/2012, proferida nos autos do Processo TC 3208/2012.

Na ocasião, foi, também, determinada a notificação dos responsáveis por cada município arrolado na Representação para que, no prazo de 10 dias, enviassem a este Tribunal cópia dos processos de contratação da URBIS e de documentação referente a todos os pagamentos efetuados, com a respectiva comprovação da recuperação do crédito a título de PASEP e INSS. Os documentos encaminhados, como sugestão da Relatora encampada pelo Plenário, deveriam ser autuados separadamente.

Enviados os documentos pertinentes pelo responsável pela Prefeitura do Município de Conceição do Castelo, foram formados os presentes autos, como um dos frutos daquela Representação formulada pelo Ministério Público Especial de Contas.

Após o exame da documentação apresentada (fls. 52/75), a unidade técnica competente observou a necessidade de complementação, sugerindo a notificação do prefeito para o envio dos documentos faltantes, na forma da **Manifestação Técnica Preliminar MTP 222/2013** (fls. 73/82).

Acatando a sugestão da área técnica, o então Conselheiro Relator proferiu a **Decisão Monocrática Preliminar DECM 589/2013** (fls. 84/85), com base na qual foi expedido o Termo de Notificação 1121/2013.

Em resposta, o prefeito apresentou os documentos de fls. 91/230, os quais, contudo, foram considerados incompletos, dando ensejo à **Manifestação Técnica Preliminar MTP 495/2013** (fls. 235/239), que sugeriu a notificação do prefeito para encaminhar novos documentos, sob pena de sanção pecuniária.

Acolhendo a proposta, este Relator prolatou a **Decisão Monocrática Preliminar DECM 17/2014** (fls. 240/241), no sentido de que a URBIS e o Prefeito Municipal fossem notificados para apresentar os documentos requeridos.

Notificado, o prefeito apresentou os documentos de fls. 250/579.

Ante o insucesso da notificação da URBIS, este Relator determinou que o instituto fosse notificado por edital, conforme se infere da **Decisão Monocrática Preliminar DECM 262/2014** (fls. 583/584). No entanto, o prazo de resposta fixado pelo Edital de Notificação 01/2014 transcorreu *in albis*, segundo informação de fl. 588.

Devolvidos os autos à área técnica, foi confeccionada a **Manifestação Técnica Preliminar MTP 781/2014** (fls. 592/603), na qual foram realizadas ponderações acerca das informações constantes dos autos.

Ainda na 6ª SCE, foi elaborada a **Instrução Técnica Inicial ITI 1582/2014** (fls. 604/620), em que foram registrados os indícios de irregularidade verificados, com a sugestão de citação dos responsáveis e a conversão do processo em tomada de contas especial, o que foi acatado pela Segunda Câmara, conforme **Decisão TC 8433/2014** (fl. 632) e **Decisão Preliminar TC 125/2014** (fl. 635), proferidas na forma do voto do Relator (fl. 624/631).

Devidamente citados, os responsáveis apresentaram defesa da seguinte forma:

Nome	Termo de Citação	Docs. juntados
Francisco Saulo Belisário	17/2015	807/813
Júlia A. Stofel Pianissolli	18/2015	661/684
José Admir Fiorese	19/2015	686/700
Instituto de Gestão Pública (URBIS)	20/2015	revel
João Luis Barbosa	21/2015	704/734
Jefferson Venturim Ayres	22/2015	737/767
José Romário Azevedo	23/2015	769/787
Ana Alzira Pinto Nicola	24/2015	789/804

Vale registrar que nas petições de fls. 704/734 e 737/767 consta o nome de diversas pessoas na primeira página. No entanto, somente os Srs. João Luis Barbosa e Jefferson Venturim Ayres as assinam, respectivamente. Registre-se, também, que não consta procuração em nome dos demais, outorgando-lhes quaisquer poderes.

Em razão da ausência de apresentação de justificativas em nome da URBIS, ela foi, na forma do Despacho de fl. 839, declarada revel.

Em seguida, vieram os autos a este Núcleo, que elaborou a ITC nº 4724/2015, de fls. 840/904.

O Ministério Público Especial de Contas, divergindo do posicionamento da área técnica, mais precisamente do item 7 da Instrução Técnica Inicial 152/2014, apontou pela necessidade de se incluir outros agentes públicos (João Luis Barbosa e Jefferson Venturim Ayres) como responsáveis pela irregularidade descrita como “dano causado pela compensação indevida” e, como consequência deste entendimento, a reabertura da instrução processual.

Este Relator, após ciência do parecer do MPC, proferiu VOTO alinhando-se ao entendimento do órgão ministerial, que foi ratificado, por unanimidade, pela 2ª Câmara desta Corte de Contas, consoante Decisão – 2ª Câmara 2246/2016-9, à fl. 918.

Enviados os autos à Secex Denúncias, foi elaborada a Manifestação Técnica às fls. 923/927, que afirmou já constarem na manifestação do *parquet* os elementos que definem as condutas dos agentes responsáveis, o nexos das condutas com as irregularidades apontadas, bem como os valores imputados aos mesmos.

Isto posto, decidiu este Relator, em respeito aos princípios constitucionais do contraditório e da ampla defesa, **CITAR** os responsáveis Srs. **JEFFERSON VENTURIM AYRES** (ex-Secretário Municipal de Administração) e **JOÃO LUIS BARBOSA** (ex-Secretário Municipal de Finanças), ambos da Prefeitura de Conceição do Castelo, com fulcro no art. 321, parágrafo único, da Resolução TC 261/2013 (RITCEES), para, querendo, **no prazo de 30 (trinta) dias**, apresentassem, individual ou coletivamente, alegações de defesa, bem como documentos que entendessem necessários, e/ou recolhessem as importâncias devidas, **em razão da manifestação contida na peça do órgão ministerial, concernente às irregularidades informadas nos itens 6 e 7 da ITI 1582/2014.**

Em resposta aos Termos de Citação 01232/2016-5 e 01233/2016-1 foi juntada a documentação de fls. 938/1005. Foram então remetidos os autos a esse Núcleo para elaboração de Instrução Técnica Conclusiva, em atendimento ao art. 311, § 2º, do RITCEES, **tendo sido elaborada a ITC 4390/2016.**

Após, os autos seguiram para o Ministério Público de Contas, que anuiu à proposta contida na ITC 4390/2016 e 4724/2015, às fls. 1037/1043.

Posteriormente foi apresentada defesa oral pelo Sr. Francisco Saulo Belisário, às fls. 1048/1052, na 22ª Sessão Ordinária da Segunda Câmara, ocorrida no dia 05 de julho de 2017, retornando os autos, novamente, para análise. Assim, exarou-se a **Manifestação Técnica de 1263/2017-9** (fls. 1064/1069).

Seguiram os autos ao *Parquet* de Contas que reiterou os pareceres ministeriais de fls. 907/909 e 1037/1043, conforme Parecer 4794/2017 (fls. 1073). Encaminhado ao Relator, foi proferido o Voto 7077/2017 (fls. 1077/1080) determinando o sobrestamento do julgamento do feito até decisão final de mérito do Incidente de Prejulgado constante no Processo TC 6603/2016. O referido voto foi referendado pela **Decisão TC 4377/2017-9** (fls. 1081/1085).

Sobrestado por mais de um ano, o processo retomou seu curso após o trânsito em julgado do **Acórdão TC 1420/2017**, exarado no bojo do Processo TC 06603/2016-4, no qual foi formado o **Prejulgado 043**, publicado no Diário Oficial Eletrônico 1341 do TCEES, de 02/04/2019.

Assim, através do **Despacho 16554/2019-4** (fl. 1086), determinou este Relator o encaminhamento dos autos a área técnica nos seguintes termos: para “verificação se o referido prejulgado tem o condão de alterar o opinamento veiculado na Instrução Técnica Conclusiva – ITC 4390/2016 e na ITC 4724/2015”.

Foi, então, elaborada a **Manifestação Técnica - MP 2861/2019-4**, que concluiu nos seguintes termos:

2. CONCLUSÃO

Diante do opinamento do afastamento da irregularidade tratada no item 3.1 da ITC 4724/2015, deve ser alterada a conclusão constantes no item 4 da ITC. Aproveitando-se a oportunidade conferida pela reabertura da instrução processual, consolida-se as conclusões perpetuadas nas ITC 4724/2015 e 4390/2016, unificando-as conforme os fundamentos técnico e jurídicos lá expostos.

Assim, a conclusão consolidada do entendimento da área técnica responsável pela elaboração das instruções técnicas conclusivas nos presentes autos é a seguinte:

4. CONCLUSÃO / RESPONSABILIDADES

4.1. Levando em consideração as análises procedidas na ITC 4724/2015 e 4390/2016 e as motivações adotadas nestes autos, que

versam sobre Representação convertida em Tomada de Contas Especial realizada na Prefeitura Municipal de Conceição do Castelo relativa ao Contrato 155/2006 com o URBIS – Instituto de Gestão Pública, sugere-se a manutenção das seguintes irregularidades:

4.1.1. Ausência Da Devida Formalização (exceto em relação ao parecer prévio quanto à minuta contratual) (item 3.2 da ITC 4724/2015)
Base legal: Art. 38, caput, III, XII, parágrafo único da Lei 8.666/93 e princípio da formalidade do ato administrativo

Responsáveis: Júlia A. Stofel Pianissolli – advogada do município
Francisco Saulo Belisário – prefeito

4.1.2. Ausência De Pesquisa De Mercado (item 3.4 da ITC 4724/2015)
Base legal: art. 7º, § 2º, art. 40, § 2º, II e art. 43, IV da Lei 8.666/93

Responsáveis: Francisco Saulo Belisário – Prefeito

Júlia A. Stofel Pianissolli – advogada

José Admir Fiorese – Presidente da Comissão Permanente de Licitação

José Romário Azevedo – membro da Comissão Permanente de licitação

Ana Alzira Pinto Nicola – membro da Comissão Permanente de licitação

4.1.3. Ausência De Fiscal Do Contrato (item 3.5 da ITC 4724/2015)

Base legal: Art. 67, da L. 8666/93

Responsável: Francisco Saulo Belisário – Prefeito

4.1.4. Ausência De Liquidação (item 3.6 da ITC 4724/2015)

Base legal: Art. 62 e 63 da Lei 4.320/64

Responsáveis: Francisco Saulo Belisário – Prefeito

João Luis Barbosa – Secretário Municipal de Finanças

Jefferson Venturim Ayres – Secretário Municipal de Administração

Instituto de Gestão Pública (URBIS) – empresa contratada

Ressarcimento: R\$ 17.522,65 (dezesete mil, quinhentos e vinte e dois reais e sessenta e cinco centavos), equivalente a 9.674,07 VRTE

4.1.5. Dano Causado Pela Compensação Indevida (item 3.7 da ITC 4724/2015 e item 3 da ITC 4390/2016)

Base legal: art. 927 c/c art. 186 da Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002.

Responsáveis: Francisco Saulo Belisário – Prefeito

Instituto de Gestão Pública (URBIS) – empresa contratada

João Luis Barbosa (Secretário Municipal de Finanças)

Jefferson Venturim Ayres (Secretário Municipal de Administração)

Ressarcimento: R\$ 30.936,78 (trinta mil, novecentos e trinta e seis reais e setenta e oito centavos), equivalente a 17.643,88 VRTE;

4.2 – Posto isso e diante do preceituado no art. 319, § 1º, inciso IV, da Res. TC 261/13, conclui-se, opinando por:

4.2.1. Rejeitar as razões de justificativas e julgar irregulares as contas de Francisco Saulo Belisário – Prefeito, nos exercícios de 2006, 2007, 2008, em razão do cometimento de infrações dispostas nos itens 4.1.1, 4.1.2, 4.1.3 e das infrações que causaram dano injustificado ao erário dispostas nos itens 4.1.4 e 4.1.5, desta conclusão, condenando-o ao ressarcimento solidário com o URBIS e com os srs. João Luis Barbosa e Jefferson Venturim Ayres do valor equivalente a 27.317,95 VRTE ao erário municipal, com amparo no artigo 84, inciso III, alíneas “c”, “d” e “e” da Lei Complementar 621/201224;

4.2.2 Rejeitar as razões de justificativas e julgar irregulares as contas de Júlia A. Stofel Pianissolli – Advogada Municipal nos exercícios de 2006, 2007 e 2008, em razão do cometimento das infrações dispostas nos itens 4.1.1 e 4.1.2 desta conclusão, com amparo no artigo 84, inciso III, alíneas “c” e “d”, da Lei Complementar 621/2012;

4.2.3 Rejeitar as razões de justificativas e julgar irregulares as contas de Jefferson Venturim Ayres – Secretário Municipal de Administração,

nos exercícios de 2006, 2007, 2008, em razão do cometimento de infrações que causaram dano injustificado ao erário dispostas nos itens 4.1.4 e 4.1.5, desta conclusão, condenando-o ao ressarcimento solidário com o URBIS, o sr. Francisco Saulo Belisário e sr. João Luis Barbosa do valor equivalente a 27.317,95 VRTE ao erário municipal, com amparo no artigo 84, inciso III, alíneas “c”, “d” e “e” da Lei Complementar 621/201224;

4.2.4 Rejeitar as razões de justificativas e julgar regulares com ressalva as contas de José Admir Fiorese, José Romário Azevedo e Ana Alzira Pinto Nicola – membros da comissão de licitação, no exercício de 2006, em razão do cometimento da infração disposta no item 4.1.2, com amparo no artigo 84, inciso II, da Lei Complementar 621/2012;

4.2.5 Rejeitar as razões de justificativas e julgar irregulares as contas de João Luis Barbosa – Secretário Municipal de Finanças, nos exercícios de 2007 e 2008 em razão do cometimento de infrações que causaram dano injustificado ao erário dispostas nos itens 4.1.4 e 4.1.5, desta conclusão, condenando-o ao ressarcimento solidário com o URBIS, o sr. Francisco Saulo Belisário e sr. Jefferson Venturim Ayres do valor equivalente a 27.317,95 VRTE ao erário municipal, com amparo no artigo 84, inciso III, alíneas “c”, “d” e “e” da Lei Complementar 621/201224;

4.2.6. Rejeitar as razões de justificativas de URBIS – Instituto de Gestão Pública - Contratada, em razão do cometimento das infrações que causaram dano injustificado ao erário dispostas nos itens 4.1.5 e 4.1.6, desta conclusão, condenando-o ao ressarcimento solidário com o sr. Francisco Saulo Belisário e srs. João Luis Barbosa e Jefferson Venturim Ayres do valor equivalente a 27.317,95 VRTE ao erário municipal, com fulcro no art. 87, II e V, e 89, da LC 621/201225;

4.2.7. Declarar, sem embargo do ressarcimento a que estão obrigados, a extinção da punibilidade de todos os responsáveis, inibidora da aplicação de sanção, em razão da prescrição, conforme item 2.1 da ITC 4727/2015;

4.2.8. Afastar a preliminar aventada no item 2.3 da ITC 4727/2015, conforme fundamentação constante naquele item;

4.2.9. Expedir recomendação ao atual Prefeito Municipal de Conceição do Castelo para que passe a designar, formalmente, representante da Administração para acompanhamento e fiscalização dos contratos em vigência, em conformidade com o disposto no artigo 67 e parágrafos da Lei nº 8.666/93, bem como que realize pesquisa de mercado e que esta esteja devidamente encartada nos autos;

4.2.10. Extinguir o processo sem resolução de mérito em relação ao sr. José Romário Azevedo quanto à irregularidade disposta no item 3, da ITI 1582/2014, com fulcro no art. 267, VI, CPC, c/c art. 70, LC 621/2012;

4.2.11. Afastar as irregularidades tratadas nos itens 3.1 e 3.3 da ITC 4727/2015.

4.2.12. Expedir recomendação no sentido de que os instrumentos convocatórios de quaisquer modalidades licitatórias e quaisquer instrumentos contratuais sejam examinados previamente pela assessoria jurídica, a fim de prevenir eventuais equívocos no curso do certame.

4.3. Por fim, sugere-se que seja dada ciência ao Representante do teor da Decisão final a ser proferida por este Egrégio TCEES, conforme preconiza o art. 307, § 7º, da Res. TC 261/2013.

Encaminhados os autos ao MPEC, o *parquet* de contas manifestou-se, no **Parecer 2274/2019-5**, nos seguintes termos:

EXCELENTÍSSIMO SENHOR CONSELHEIRO-RELATOR O MINISTÉRIO PÚBLICO DE CONTAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, pelo Procurador abaixo subscrito, com fulcro no art. 3º, inciso II, da LC n. 451/2008, à guisa dos argumentos fáticos e jurídicos contidos nas Instruções Técnicas Conclusivas 4724/2015[1] e 04390/2016-6 e nas Manifestações Técnicas 01263/2017-9 e 02861/2019-4, reitera o Parecer Ministerial de fls. 1037/1043, com ressalva quanto à manutenção da irregularidade disposta no item 1 da ITI 1582/2014 e quanto à expedição de determinação para que o atual Prefeito se abstenha de realizar terceirização de atividades inerentes às categorias funcionais da prefeitura de Conceição de Castelo, em decorrência do Prejulgado n. 43.

Pautados os autos na Sessão Ordinária da 2ª Câmara desta Corte, em 02/10/2019, foi realizada defesa oral e juntada de documentos/memorais, os quais ensejaram nova manifestação da unidade técnica competente. Foi, então, elaborada a **Manifestação Técnica de Defesa Oral 0038/2019-1**, que opinou nos seguintes termos:

3. CONCLUSÃO/PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO

3.1. Considerando os fundamentos expostos nesta Manifestação Técnica, bem como que os elementos suscitados nas sustentações orais não alteram as conclusões havidas na ITC 4724/2015, na ITC 4390/2016, na MT 1263/2017 e na MT 2861/2019, sugere-se o **prosseguimento com julgamento do feito**, na forma dos arts. 327 a 329 da Res. TC 261/2013.

Encaminhados ao autos novamente ao *parquet* de Contas, seu representante, Dr. Luciano Vieira, anuiu aos argumentos veiculados na Manifestação Técnica de Defesa Oral - 00038/2019-1, conforme se depreende do **Parecer 2027/2020-9**, *in verbis*:

EXCELENTÍSSIMO SENHOR CONSELHEIRO-RELATOR O MINISTÉRIO PÚBLICO DE CONTAS DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, pelo Procurador abaixo subscrito, com fulcro no art. 3º, II, da Lei Complementar nº. 451/2008, à guisa da Manifestação Técnica de Defesa Oral 00038/2019-1, ratifica *in totum* os pareceres ministeriais -2274/2019-5, 4794/2017-3 e 2052/2017-7.

Após, vieram os autos conclusos, momento em que proferi o Voto do Relator 2249/2020-1, confirmado pela **Decisão TC 0889/2020-8** – (22ª Sessão Ordinária da Segunda Câmara de 2020), sobrestando o feito em razão da tramitação do

juízo do **Recurso Extraordinário RE 636.886 pelo STF - Tema 899**, que versava acerca da “prescritibilidade da pretensão de ressarcimento ao erário fundada em decisão do Tribunal de Contas”.

Tendo sido verificado o trânsito em julgado do Recurso Extraordinário *supra*, conforme informação contida na Certidão 4315/2021-6 (evento 37), retornaram os autos a este Gabinete.

É o relatório.

II. FUNDAMENTAÇÃO.

Como dito anteriormente, tratam os autos de Tomada de Contas Especial, convertida de Representação ofertada pelo Ministério Público Especial de Contas, por meio do Procurador Luciano Vieira, em que são narradas possíveis irregularidades nos procedimentos licitatórios e na execução contratual do pacto firmado entre municípios capixabas com a entidade URBIS – Instituto de Gestão Pública, cujo objeto era a prestação de serviços de levantamentos de créditos dos municípios junto à União com o PASEP e o INSS. No caso afeto a estes autos, trata-se do município de Conceição do Castelo.

Em razão dos recentes julgados, em especial aquele afeto ao Tema 899/STF, entendo que certos apontamentos devam ser considerados.

Inicialmente, quanto às supostas irregularidades descritas nos autos, verificou-se a ocorrência do fenômeno prescrição da pretensão punitiva desta Corte, devidamente reconhecida pela Decisão de sobrestamento *supra* referida, bem como no parecer 2274/2019-5 do *parquet* de Contas.

Pois bem.

É de conhecimento desta Corte de Contas que o entendimento corrente até pouco tempo atrás, era o de que, ainda que prescritas, **as supostas irregularidades ensejadoras de ressarcimento poderiam gerar a imputação de débito aos gestores públicos.**

Sobre a temática, tramitam neste Tribunal inúmeros processos, de diferentes jurisdicionados, em situação semelhante à tratada nos presentes autos, qual seja, **reconhecimento de suposta prática de dano ao erário e a ocorrência da prescrição da pretensão punitiva.**

Nestes casos, a análise de mérito está fundada em questionamentos acerca do dolo ou má fé dos atos praticados pelos gestores jurisdicionados dessa Corte de Contas.

Acerca do tema, é cediço que a Suprema Corte brasileira no julgamento do **Recurso Extraordinário 852.475**, decidiu, à luz do artigo 37, § 5º, da Constituição Federal, **serem imprescritíveis as ações de ressarcimento ao erário fundadas na prática de ato doloso** tipificado na Lei nº 8.429/92, Lei de Improbidade Administrativa.

Lado outro, no julgamento do **Recurso Extraordinário (RE) 636886**, datado do **dia 24/06/2020**, aquela Suprema Corte concluiu, por unanimidade, pela **prescritibilidade da ação de ressarcimento ao erário baseada em decisão de Tribunal de Contas.**

O entendimento se deu em sessão virtual, no julgamento do **Recurso Extraordinário (RE) 636886**, com repercussão geral reconhecida (**Tema 899**)¹.

Do julgamento, restou consignado que **somente seriam imprescritíveis as ações de ressarcimento ao erário com base na prática de ato de improbidade administrativa doloso tipificado na Lei de Improbidade Administrativa (Lei 8.429/1992), hipótese esta que não se amolda no caso dos autos.**

No âmbito desta Corte de Contas, diversos processos envolvendo a matéria em questão se encontravam sobrestados em virtude da tramitação do julgamento do **Tema 899, aguardando, até então, o seu trânsito em julgado.**

Contudo, vê-se que o respectivo julgamento transitou em julgado em **05/10/2021**², fixando a seguinte tese: **É prescritível a pretensão de ressarcimento ao erário fundada em decisão de Tribunal de Contas.**

1

<http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudenciaRepercussao/verAndamentoProcesso.asp?incidente=4046531&numeroProcesso=636886&classeProcesso=RE&numeroTema=899>

Sem mais embargos, os processos antes sobrestados agora merecem impulso.

Ocorre que, quando do julgamento do Tema 899, a Suprema Corte não tratou dos desdobramentos de questões que giram em torno da prescrição, bem como dos diversos efeitos reflexos que dela poderiam advir.

Dentre eles, menciono, por exemplo, a falta de manifestação da Corte Suprema relativamente a como se daria a continuidade do processamento das ações que envolvessem a presença de dano ao erário, mas que já estivessem eventualmente prescritas, como é exatamente o caso que ora se apresenta.

Sem a definição de uma solução, tornou-se dever dos próprios Tribunais de Contas a definição de como se dará a condução dos autos que versam sobre a matéria aqui ventilada, qual seja, **dano ao erário e a ocorrência da prescrição da pretensão punitiva**, fazendo com que surja o seguinte questionamento:

Haveria necessidade desta Corte de Contas de se manifestar sobre o mérito, mesmo diante da ocorrência da prescrição da pretensão punitiva em ações de ressarcimento?

Desta problemática, entendo pertinente expor alguns conceitos para que possamos pacificar o questionamento, a fim de evitarmos que se prolatem inúmeras decisões conflitantes.

Assim sendo, farei a exposição de algumas considerações que entendo serem oportunas a fim de conduzir a conclusão desta decisão da forma que melhor atender aos interesses de todas as partes envolvidas.

DA SEGURANÇA JURÍDICA

Primeiramente, registro que assiste razão ao jurista Antônio Gidi, que, ao fazer uma análise acerca da segurança jurídica no Brasil, afirma que a mesma decorre de certa

inefetividade do próprio sistema, isto é, em vista da existência de uma Constituição com múltiplos microssistemas, inúmeras leis, analítica, com extensos códigos e estatutos, o que acaba por dar margem à uma propensa possibilidade de interpretações.

É de se reconhecer que um dos principais valores que devem irradiar o ordenamento jurídico gira em torno da segurança jurídica, sobretudo diante da complexidade que baliza a sociedade atual, na qual inúmeras questões conflitantes se apresentam.

O Direito deve, assim, selecionar e positivizar as melhores expectativas que poderão determinar e vincular o comportamento social, isso porque, é papel desta ciência a pacificação dos entendimentos, uma vez que se encontra inserida em um ambiente onde muitas possibilidades, em princípio, parecem ser válidas.

Portanto, diante de uma atmosfera diversificada e plural em que se encontra o Direito, é que ele deve desempenhar a função de noção de segurança jurídica, sendo através dele que se propicia um mínimo de certeza, previsibilidade e eficácia da norma, gerando sentimento de confiança nas instituições.

Cabe aos tribunais, magistrados, juízes e, neste caso concreto, aos Conselheiros desta Corte, o papel de demarcar os limites, isto é, nosso papel é ainda mais peculiar e delicado, pois se a positivação do direito já é de extrema complexidade, subsiste, juntamente com esta atividade, a problemática crucial de se escolher a melhor interpretação e segui-la com afinco.

É justamente diante dessas constatações que surge a irremediável necessidade desta Corte de Contas em se pacificar o tema aqui em debate, uniformizando o julgamento de deliberações que envolvam ações de ressarcimento ao erário baseadas em decisão de Tribunal de Contas, em harmonia com os preceitos fundamentais.

Digo isso pois, como já mencionado, há, atualmente, no âmbito deste Tribunal, inúmeros processos que serão afetados diretamente da conclusão que se formará do questionamento proposto.

Ao se eleger um caso paradigma, estará a Corte definindo como se dará o processamento dos demais autos que guardam matéria semelhante, atendendo ao primado dos princípios da economia processual, segurança jurídica, estabilidade das decisões, uniformização de jurisprudência, dentre outros.

Seguindo-se o raciocínio, trago à baila o que prescreve a Lei Federal nº. 13.655/2018, que alterou as disposições contidas no Decreto-Lei Federal nº. 4.657/1942 (Lei de Introdução às Normas do Direito Brasileiro) para fazer constar novos artigos que servem para extirpar qualquer dúvida quanto à observação de certas premissas a serem seguidas quando da tomada de decisões no âmbito público, administrativo e judicial, não abrindo qualquer margem para a elaboração de determinações abstratas, delimitando a atuação do julgador para que este não opere de forma desarrazoada.

Dentre as inovações trazidas, destaco as seguintes:

Art. 30. As autoridades públicas devem atuar para aumentar a segurança jurídica na aplicação das normas, inclusive por meio de regulamentos, súmulas administrativas e respostas a consultas.

Parágrafo único. Os instrumentos previstos no **caput** deste artigo terão caráter vinculante em relação ao órgão ou entidade a que se destinam, até ulterior revisão.

Art. 23. A decisão administrativa, controladora ou judicial que estabelecer interpretação ou orientação nova sobre norma de conteúdo indeterminado, impondo novo dever ou novo condicionamento de direito, deverá prever regime de transição quando indispensável para que o novo dever ou condicionamento de direito seja cumprido de modo proporcional, equânime e eficiente e sem prejuízo aos interesses gerais.

O que se vê é que há uma definição de atuação com padrões mínimos a serem seguidos quando da aplicação de alguma nova interpretação ou quando da necessidade de delimitação de novo entendimento/processamento.

A segurança jurídica que se suscita, neste momento, refere-se justamente ao fato de que sua não observância torna o próprio sistema vulnerável, **considerando o elevado número de processos que envolvem a mesma matéria, merecendo terem semelhante –ou até o mesmo- desdobramento, a depender do caso.**

Cabe à nós, Conselheiros, portanto, definir como se dará o processamento dos autos, a partir do trânsito em julgado do Tema 899/STF.

À título de complementação da linha de raciocínio até o momento desenvolvida, advirto sobre a **importância da formação dos precedentes**.

É sabido que está “*técnica de integração de decisões*” **garantem a segurança jurídica do ordenamento, uma vez que se colocam como ferramentas para que não sejam proferidas decisões divergentes ou surpresas pelos magistrados**.

O papel dos precedentes vai muito além da mera função de **orientador** da interpretação dos atos normativos, servindo, inclusive, como forma de persuasão da atuação do julgador, fazendo com que o mesmo desenvolva sua atividade de forma a adotar o fundamento das decisões anteriores (**a tese paradigmática**), seguindo a expressão em latim “*stare decisis et non quieta movere*”, em uma tradução livre: *mantenha-se a decisão e não se mexa no que foi estabelecido*.

É a partir desses questionamentos que abro a discussão do segundo tópico deste Voto:

DA ECONOMIA PROCESSUAL

Define-se o princípio *supra* como sendo a obtenção de um resultado esperado, considerando o menor custo possível, *mantendo a qualidade e buscando a celeridade na prestação do serviço ou no trato com os bens públicos*³.

A economia processual, portanto, está em constante busca de um resultado útil ao processo, com o dispêndio de um esforço mínimo processual. Assim, o **princípio tem por premissa maior evitar que atos desnecessários ou inúteis sejam praticados durante o processamento dos autos**.

Sobre a temática, explica Daniel Amorim Assumpção Neves (2016, p. 138)⁴:

Do ponto de vista sistêmico o objetivo do princípio da economia processual é obter menos atividade judicial e mais resultados. E para tanto deve se pensar em mecanismos para evitar a multiplicidade dos processos e, quando isso concretamente não ocorrer, diminuir a prática de atos processuais, evitando-se sua inútil repetição.

³ <https://antigo.plataformamaisbrasil.gov.br/ajuda/glossario/economicidade>

⁴ NEVES, Daniel Amorim Assumpção. Manual de Direito Processual Civil. Volume único. Salvador: JusPodiVm, 2016

Neste aspecto, é necessário que se questione até que ponto seria benéfico à Corte o julgamento meritório de irregularidades prescritas.

De maneira alguma está se propondo a não apreciação destes autos de forma a se imiscuir o Tribunal da sua atividade precípua, mas tão somente que meus pares se indaguem: quais seriam os ganhos para esta Corte de Contas ao mover todo o sistema de trabalho desenvolvido por este Tribunal, a fim de julgar processos já prescritos, que não poderão ser executados e que não serão revertidos em quaisquer benefícios econômicos ou sociais?

Adentrar na análise de cada irregularidade já prescrita contida nos inúmeros processos que tramitam atualmente trará muito mais dispêndio aos cofres públicos do que vantagens, vez que se estará movimento todo um trabalho dos agentes públicos do Tribunal sem que o processo atinja qualquer resultado útil, ante a impossibilidade de ressarcimento.

É inócuo, portanto, que se entenda pela análise de irregularidades já prescritas e que não possam ser executadas. Pensamento neste sentido é ausente, inclusive, de razoabilidade.

Ressalto, novamente, que a solução para o caso não foi definida pelo Supremo Tribunal Federal, sendo responsabilidade das Cortes de Contas o papel definidor para tal.

Ricardo L. Torres⁵ destaca que o controle da economicidade, *relevante no direito constitucional moderno, em que o orçamento está cada vez mais ligado ao programa econômico, inspira-se no princípio do custo-benefício.*

Neste mesmo sentido, assevera o Ministro Ivan Luz⁶, do TCU, um dos primeiros a abordar a questão do controle da eficiência e da economicidade pelos Tribunais de Contas, que:

(...) os resultados objetivos dos planos, projetos e programas podem ser objeto de avaliação. Esta revelará a eficiência, a produtividade dos instrumentos administrativos envolvidos, o acerto dos estudos de viabilidade

⁵ file:///C:/Users/t203910/Downloads/1224-Texto%20do%20artigo-2136-1-10-20151023.pdf

⁶ LUZ, Ivan. Do controle da eficiência e economicidade pelos Tribunais de Contas. Porto Alegre, Revista do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul, Vol. 2, nº 5, jun/1985, pp.77/ 84.

econômica realizados, **a economicidade como relação adequada entre os recursos envolvidos e as resultantes alcançadas.**

De forma clarividente, vê-se que os recursos (financeiros) que serão dispendidos no julgamento de irregularidades já prescritas – **e que não poderão trazer quaisquer ressarcimentos aos cofres públicos** – não alcançaram qualquer resultado positivo a Administração Pública.

Em excelente artigo desenvolvido pelo **Subprocurador-Geral do Ministério Público, Dr. Paulo Soares Bugarin**, este assim se manifesta:

Infere-se que o princípio constitucional da economicidade da gestão de recursos e bens públicos autoriza o ente político-administrativo encarregado do específico e peculiar afazer hermenêutico constitucional in casu, o TCU, ao exame, *pari passu*, dos elementos de fato informadores dos diversos processos subjetivos de tomadas de decisão de gastos/investimentos públicos *vis-à-vis* o conjunto objetivo dos resultados alcançáveis, **qualificando-os, efetiva ou potencialmente, como ganhos ou perdas sociais, evitando-se, deste modo, a despesa pública antieconômica** e a consequente perpetração do, muitas vezes irremediável, prejuízo social.

É papel desta Corte, portanto, evitar que despesas desnecessárias e gastos públicos inócuos se deem no âmbito de sua atividade.

Neste aspecto, adentro a terceira matéria que entendo pertinente para o exame do caso.

DO PRIMADO DO “CUSTO OPORTUNIDADE”

Sobre o instituto, preleciona o Dr. Fernando Joaquim Ferreira Maia⁷ que a **“análise econômica do direito busca a compreensão do direito partindo de pressupostos e valores econômicos, aplicáveis ao caso concreto pelo magistrado.**

*Dessa forma, a racionalidade econômico-jurídica interage com o meio, de forma a determinar e influenciar a prática jurídica e o delineamento de novas matizes no ordenamento em geral, segundo novos padrões econômico-valorativos quando da apreciação judicial de casos. **Aqui, surge o problema dos custos de***

⁷ <https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-processual-civil/o-problema-dos-custos-de-oportunidade-na-configuracao-do-interesse-de-agir-na-acao-de-habeas-data/>

oportunidade. *O custo de oportunidade vai ocorrer quando o agente opta por um determinado tipo de opção de ação em prejuízo de outras ações mutuamente excludentes. Então, o custo de oportunidade vai representar o benefício que foi perdido, ao se escolher determinada ação, objetivando um dado fim. ”*

É assim que se torna evidente que a aplicação do método econômico ao Direito nos conduz a uma escolha racional, contribuindo com o aperfeiçoamento de normas jurídicas quando forem efetivamente produzidas.

O legislador passa a elaborar normas mais eficientes e eficazes, otimizando o processo de produção normativo diante de um cenário de escassez de recursos, se adaptando a realidade fático-jurídica.

⁸*Submete-se a ideia de eficácia da norma jurídica à ideia de eficiência. O objetivo é fazer com que a norma jurídica atinja o melhor resultado com o mínimo de erros ou perdas, tendo em vista o máximo rendimento possível, objetivando alcançar a função prevista de maneira mais produtiva, ou seja, com o mínimo de dispêndio aplicado.*

Neste momento torna-se necessário advertir que os inúmeros processos existentes nesta Corte afetados pelo julgamento do Tema 899/STF dizem respeito a auditorias realizadas há mais de 10 (dez) anos.

Assim, **vê-se que outra problemática se exsurge:** como se dariam o processamento destes autos? Caso o Tribunal entenda pela necessidade de manifestação meritória, diante da necessidade de reabertura processual em razão da ausência de matriz quando da análise caso a caso, optaríamos então pelo seu refazimento? Seria está a decisão que melhor atenderia aos interesses desta Corte? Quais seriam os reais benefícios trazidos da aplicação deste entendimento? E os desdobramentos?

No que toca ao tema, transcrevo parte do trecho contido no **ACÓRDÃO TC-814/2017 – PLENÁRIO, Processo - TC-3428/2009**, vejamos:

⁸ COOTER, *op. cit.*, 2007; SZTAJN, Rachel. *Law and economics*. In: ZYLBERSZTAJN; SZTAJN, *op. cit.*, 2005, pp. 81, 83

Por outro lado, em relação àqueles indicativos não alcançados pelo instituto da prescrição (§ 5º, art. 37, CF/88), posto que implicam imposição de ressarcimento, **deve-se analisar a racionalização administrativa, o custo de oportunidade, a viabilidade e a efetividade de reabertura processual após mais de 09 (nove) anos da ocorrência dos fatos, sob pena de se ferir o princípio da duração razoável do processo**, insculpido no inciso LXXVII da Carta Magna e **da segurança jurídica**, na medida que põe sob risco **o princípio do contraditório e da ampla defesa**, cláusula pétrea disposta no art. 5º, LV da CRFB/88, **assim como com os primados da economia processual**.

Necessário que meus pares considerem não apenas a relação teleológica do instituto da economicidade *pari passu* com o direito material, mas também a eficiência deste princípio, compreendendo-o em relação à necessidade de se obter o máximo rendimento possível com a menor perda ou menor dispêndio de esforços.

Em outra ocasião, no julgamento do Recurso de Reconsideração do Processo 12742/2019-5, 09789/2013-4, o ilustre Conselheiro Sebastião Carlos Ranna de Macedo solicitou vista, manifestando-se por meio do Voto-vista 0059/2020-4.

Em síntese apertada, entende que persistiria a atuação fiscalizadora do Tribunal de Contas, ainda que se tenha operado a prescrição da pretensão punitiva, nos casos em que houvesse a ocorrência de dano ao erário.

Proferindo o Voto Complementar 2578/2020, me manifestei trazendo argumentos aplicáveis diretamente ao presente caso sob análise.

Assim sendo, transcrevo os seguintes que entendo serem pertinentes:

Sobre o fenômeno da prescrição, entendo ser pertinente rememorar o que se depreende do seu conceito. Para tanto, colaciono lição ministrada por CRETELLA JÚNIOR², que assim se manifesta:

(...) prescrição é a extinção da iniciativa de punir, resultado da inércia, durante certo lapso de tempo, do poder público, na perseguição da infração ou na execução da sanção. (...) (...). Sob o aspecto do direito de punir, a relação jurídica entre o titular da ação punitiva, o Estado, e o paciente, a pessoa física afetada pelo decurso do tempo, extingue-se em determinado momento. Nem teria sentido que a sanção pairasse, indefinidamente, como a espada de Dâmocles, sobre o infrator da norma, para ser aplicada muito mais tarde, quando os fatos, as circunstâncias de local e de tempo, os documentos, as testemunhas e as provas tivessem de vir à tona para extemporânea valoração pelo aplicador da pena, dentro de quadro bem diverso daquele que cercava o fato e o autor, na época da consumação do fato.

Seguindo ainda esta linha de intelecção, cabe destacar as concisas lições ministradas pelo jurista PONTES DE MIRANDA³ :

Os prazos prescricionais servem à paz social e à segurança jurídica. Não destroem o Direito, que é; não cancelam, não apagam as pretensões; apenas, encobrendo a eficácia da pretensão, atendem à conveniência de que não perdue por demasiado tempo a exigibilidade ou a acionabilidade.

A prescricibilidade aqui tratada, portanto, impede que as Cortes de Contas possam instaurar processos de responsabilização por dano ao erário, a qualquer momento, privilegiando a garantia da segurança jurídica e da paz social, alcançadas pela estabilização das decisões. A bem da verdade, o Supremo Tribunal Federal concluiu que somente são imprescritíveis as ações de ressarcimento ao erário fundadas na prática de ato de improbidade administrativa doloso tipificado na Lei de Improbidade Administrativa (Lei nº 8.429/92): São imprescritíveis as ações de ressarcimento ao erário fundadas na prática de ato doloso tipificado na Lei de Improbidade Administrativa. STF. Plenário. RE 852475/SP, Rel. orig. Min. Alexandre de Moraes, Rel. para acórdão Min. Edson Fachin, julgado em 08/08/2018 (Repercussão Geral – Tema 897) (Info 910).

(...)

Destaco o seguinte fragmento:

Além das convicções até o momento expostas, entendo pertinente levantar a temática acerca da economia processual. Isso porque, logo de início, indago: até que ponto o julgamento de processos prescritos atenderia a tríade eficácia, eficiência e economia?

Fazer este Tribunal se debruçar sobre processos que já se encontram prescritos só o faz gastar demasiado tempo e recurso em questões que já extinguiram a iniciativa de punir da Administração Pública.

Este é, inclusive, o conceito que se entende por prescrição: extinção da iniciativa de punir. E mesmo que prosperasse a tese defendida no voto vista, de que “persiste a atuação fiscalizadora do Tribunal de Contas, ainda que se tenha operado a prescrição da pretensão punitiva”, qual resultado prático alcançaríamos em relação a restituição desses valores ao erário? Já que é ponto sem divergência a impossibilidade de se mover as ações de ressarcimento. Rememoro aos pares, que há muito se discute neste Tribunal o que chamamos de “custo de oportunidade”, que, na economia, é o valor que se renuncia ao tomar uma decisão.

Transposto o conceito para esta Corte, trata-se de se fazer a escolha entre debruçar recursos em algo que efetivamente gerará benefício para a sociedade ou continuar percorrendo um caminho com fim incerto e inegavelmente ineficiente. É uma questão de racionalização administrativa e respeito aos princípios da economicidade e efetividade do processo, na esteira no processo civil atual.

Os princípios de racionalização administrativa e de economia processual devem contribuir para apuração dos atos lesivos ao patrimônio público e o ressarcimento dos prejuízos causados ao mesmo, contrariamente à absurda hipótese de estímulo à impunidade para pequenos danos. (...). No trato da coisa pública, racionalizar significa otimizar, com sabedoria, discernimento, critério. A sociedade carece de respostas e cobra do Estado atitudes adequadas para que o interesse público seja, de fato, alcançado. Os atos espúrios e lesivos ao patrimônio de todos devem ser definitivamente banidos com medidas eficazes. A postura ética não deve ser vista como um diferencial da pessoa, mas como uma conduta constante, usual e rotineira.

Em todas as esferas de Poder — e não somente no Judiciário — a economia processual é fator determinante para a obtenção dos efeitos pretendidos. Qual o valor de uma decisão, por mais sábia, se quando proferida, não pode mais ser aplicada, porque seu objeto se perdeu nos meandros de um processo lento e complicado?

De todo o exposto, concluo o presente voto mencionando a recente decisão prolatada pelo **Tribunal de Contas de Minas Gerais**, *que foi o pioneiro e, por meio do seu órgão plenário, decidiu, por maioria, acolher e aplicar nos processos de sua competência as teses firmadas pelo Supremo Tribunal Federal (Decisão Plenária no Recurso Ordinário nº 1.054.102). Isto é, firmou o entendimento segundo o qual a pretensão de ressarcimento ao erário prescreve no mesmo prazo da pretensão punitiva, inclusive antes da formação do título executivo*⁹.

Sobre o importante julgado acima mencionado, transcrevo parte do trecho contido no artigo “A (im)prescritibilidade da pretensão de ressarcimento ao erário no âmbito dos Tribunais de Contas: a vanguarda do TCE/MG na aplicação dos Temas 666, 897 e 899 da repercussão geral”, vejamos:

A partir desse julgamento, enfim, pode-se entender que, pelo menos no âmbito do Tribunal de Contas de Minas Gerais, a matéria encontra-se definida, no sentido de que a pretensão de ressarcimento ao erário é prescritível no âmbito dos processos de controle externo (Tema 899), cabendo exclusivamente ao Poder Judiciário o reconhecimento da imprescritibilidade prevista no Tema 897 da repercussão geral.

De todo o exposto, concluo a prolação deste Voto expondo na forma de tópico ponto por mim suscitado acima, qual seja, a problemática do processamento dos autos em que haveria a necessidade de refazimento da matriz a fim de viabilizar o julgamento de mérito.

DA MATRIZ DE RESPONSABILIDADE E DOS PRESSUPOSTOS PROCESSUAIS

Ademais das considerações *supra* ventiladas, resta imperioso apresentar uma análise acerca dos efeitos de eventual superação da ocorrência da prescrição de ressarcimento ao erário por parte desta Corte de Contas.

É cediço que mais de uma centena de processos se encontravam sobrestados, aguardando manifestação do STF acerca da prescritibilidade da pretensão de ressarcimento ao erário fundada em decisão de Tribunais de Contas.

⁹ FERRAZ, Leonardo de Araújo; AVELAR, Daniel Martins e. A (im)prescritibilidade da pretensão de ressarcimento ao erário no âmbito dos Tribunais de Contas: a vanguarda do TCE/MG na aplicação dos Temas 666, 897 e 899 da repercussão geral. *Fórum Administrativo – FA*, Belo Horizonte, ano 21, n. 248, p. 13-32, out. 2021

Ato contínuo, consoante já exposto, o STF fixou tese de repercussão geral (tema 899) no sentido de ser prescritível a pretensão de ressarcimento ao erário fundada em decisão de Tribunal de Contas.

Assim, a despeito do reconhecimento da prescrição do ressarcimento, caso esta Corte de Contas delibere por dar continuidade aos processos sobrestados e, por conseguinte, se manifestar sobre o mérito de processos em que envolvam a presença de dano ao erário, a continuidade da análise, repito, de mais de uma centena de processos, irá se esbarrar com a problemática da ausência de matriz de responsabilização, uma vez que são processos antigos e processados sob a sistemática da responsabilidade objetiva dos gestores.

A sistemática da responsabilização objetiva dos gestores, voltada apenas aos ordenadores de despesas, contudo, não mais se coadunam com a atual sistemática processual adotada por esta Corte de Contas, que exige individualização das condutas praticadas, bem como, nexos de causalidade existente entre as condutas e a suposta desconformidade verificada, tema já debatido exaustivamente por este Tribunal.

Desse modo, sob os atuais ditames da Lei Complementar 621/2012 e do RITCCES (Resolução TC 261/2013), resta imperioso que este Tribunal, ao exercer sua competência sancionatória, direcione-se para a **imputação de responsabilidade sob a ótica da responsabilidade subjetiva**, aplicando a sanção “de forma individual, a cada agente que tiver concorrido para o ato, na medida de sua participação” (art. 383, RITCEES).

Assim, uma vez identificada a ausência de individualização de responsabilização, é mister que se refaça a matriz de responsabilização a fim de que o feito seja adequadamente instruído e que sejam atendidos os pressupostos que permitam o desenvolvimento válido e regular do processo.

Contudo, a reabertura da instrução processual após tamanho lapso temporal afrontaria substancialmente direitos fundamentais, visto que referido reinício de instrução processual implicaria no apontamento de responsabilização a novos

agentes, que muito provavelmente, sequer conseguiriam ter acesso a documentos para apresentação de suas defesas.

Resta inequívoco que introduzir tais agentes em uma discussão fático-jurídica após grande lapso temporal traduz manifesta violação a princípios basilares do ordenamento jurídico brasileiro, notadamente os direitos fundamentais do contraditório e ampla defesa, que por certo restariam prejudicados devido ao decurso do tempo, bem como o da própria duração razoável do processo, já que se exigiria todo um novo trâmite processual como: citação dos eventuais novos responsáveis; aguardo da defesa; manifestações técnicas e elaboração de novo voto.

Nessa esteira, a necessidade de reabertura de instrução processual se faria revelar que tais processos não se encontram devidamente instruídos de modo a atender aos pressupostos de constituição e de desenvolvimento válido e regular do processo, razão pela qual nos cumpriria aferir eventual ofensa ao art. 166, do RITCEES, *in verbis*:

Art. 166. O Tribunal determinará o arquivamento do processo de prestação ou de tomada de contas, mesmo especial, sem julgamento de mérito, quando verificar a ausência de pressupostos de constituição e de desenvolvimento válido e regular do processo.

Com efeito, relembro que nestas hipóteses, o Tribunal de Contas do Estado do Espírito Santo, em vista da inviabilidade de recomposição processual e até mesmo da possibilidade de comprometimento da produção de um conjunto probatório eficaz para a solução do caso concreto, vem optando pela extinção do feito sem julgamento de mérito, conforme acima exposto, a exemplo das seguintes decisões mais recentes: TC 04133/2006-1 (Acórdão 00092/2021-6 - Plenário); TC 00390/2008-3 (Acórdão 01512/2019-Plenário); TC 06195/2010-3 (Acórdão 01436/2019-Segunda Câmara); TC 06994/2010-1 (Acórdão 01217/2019-4 - Segunda Câmara); TC 7052/2003 (Acórdão 639/2018-Plenário); TC 666/2006 (Acórdão 862/2021-Segunda Câmara).

Com isso, entendo relevante que esta Corte de Contas sopesse a efetividade da continuidade da análise de mérito dos processos sobrestados sob debate, uma vez que o lapso temporal somado à antiga sistemática de

responsabilização objetiva, obrigará a reabertura da instrução processual com vistas ao refazimento da matriz de responsabilização, fato que revelará, por si só, ausência de pressupostos de constituição e de desenvolvimento válido e regular do processo, e que culminará, por fim, na extinção do processo sem resolução de mérito.

Isto posto, reputo cabível que este Tribunal de Contas considere eventual afronta à economicidade e ao resultado útil do processo, caso a continuidade da tramitação de mais de uma centena de processos, exigindo o dispêndio de recursos humanos e financeiros, culmine no mesmo resultado caso fossem finalizados neste momento processual: na extinção de feito sem julgamento de mérito.

Assim sendo, e diante de tudo o que fora até o momento exposto, considerando ter sido elucidada de forma inequívoca a completa ausência de qualquer resultado útil a esta Corte de Contas que a análise das irregularidades prescritas possam gerar, bem como em razão do elevado número de processos que envolvem a mesma matéria aqui tratada, é que decido pela extinção do processo sem resolução do mérito.

Ante todo o exposto, divergindo da unidade técnica e do Ministério Público Especial de Contas, **VOTO** seja adotada a deliberação que ora submeto à apreciação deste Colegiado.

SÉRGIO MANOEL NADER BORGES

Conselheiro Relator

1. ACÓRDÃO TC-1475/2021:

VISTOS, relatados e discutidos estes autos, **ACORDAM** os Conselheiros do Tribunal de Contas do Estado do Espírito Santo, reunidos em sessão da Segunda Câmara, ante as razões expostas no voto do relator, em:

1.1. EXTINGUIR o processo sem resolução do mérito, nos termos deste Voto;

1.2. DAR CIÊNCIA, na forma regimental, aos interessados e ao MPC;

1.3. ARQUIVAR o feito após o trânsito em julgado.

2. Unânime.

3. Data da Sessão: 10/12/2021 - 57ª Sessão Ordinária da 2ª Câmara.

4. Especificação do quórum:

4.1. Conselheiros: Sérgio Manoel Nader Borges (presidente/relator) e Domingos Augusto Taufner.

4.2. Conselheiro substituto: Marco Antonio da Silva (em substituição).

CONSELHEIRO SÉRGIO MANOEL NADER BORGES

Presidente/Relator

CONSELHEIRO DOMINGOS AUGUSTO TAUFNER

CONSELHEIRO SUBSTITUTO MARCO ANTONIO DA SILVA

Em substituição

Fui presente:

PROCURADOR DE CONTAS HERON CARLOS GOMES DE OLIVEIRA

Em substituição ao procurador-geral

LUCIRLENE SANTOS RIBAS

Subsecretária das Sessões